



Compromisso para a misericórdia: tema do recente Jubileu para Diálogo e Ação

Commitment to mercy: theme of the recent
Jubilee to Dialogue and Action

*Maria Teresa de Freitas Cardoso**

*Luiz Fernando Lima Rangel***

Recebido em: 03/11/2019. Aceito em: 08/11/2019.

Resumo: *Toma-se o tema do compromisso da misericórdia em relação com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, proclamado pelo papa Francisco na bula Misericordiae Vultus. Consideram-se alguns precedentes temáticos no livro de Walter Kasper sobre a misericórdia. Verificam-se indicações do Jubileu – a partir da Bula de proclamação, de diversas catequeses do Papa, da Carta Apostólica Misericordiae et misera, conclusiva do Jubileu. Mostra-se a perspectiva de se procurar promover uma “cultura da misericórdia”. Conclui-se que o compromisso da misericórdia, que é um tema implicado na Campanha da Fraternidade 2020, deve ser sempre retomado e promovido, para diálogo e ação, não apenas na Igreja, mas junto a todas as pessoas.*

Palavras-chave: *Misericórdia. Campanha da Fraternidade. Diálogo.*

Abstract: *The theme of commitment to mercy is presented in relationship to the Extraordinary Jubilee of Mercy, proclaimed by Pope Francis in the Bull Misericordiae Vultus. Some thematic precedents from Walter Kasper’s book about mercy are considered. The article examines instructions of the Jubilee – from the proclamation Bull, from the Pope’s various catecheses, from the letter concluding*

* Doutora em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2002). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1994). Graduada em Teologia (Escola Teológica da Congregação Beneditina do Brasil, ETCBB, Rio de Janeiro, 1984). Bacharel e Licenciada em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1981). Professora assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: mtfcardoso@puc-rio.br.

** Doutorando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2017). Graduado em Teologia (Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012). E-mail: freiluzfernando@hotmail.com.



the Jubilee: Misericordia et misera. It shows the perspective of seeking to promote a “culture of mercy”. It concludes that the commitment to mercy, which is a theme proposed for the 2020 Campanha da Fraternidade, must always be renewed and promoted, with dialogue and collaboration, not only in the Church but also with all peoples.

Keywords: *Mercy. Campanha da Fraternidade. Dialogue.*

1 Introdução

A Campanha da Fraternidade 2020 assume o tema: “Fraternidade e vida: dom e compromisso”, inspirando-se na parábola do Bom Samaritano, e tomando para lema as palavras: “Viu, sentiu compaixão, e cuidou dele” (cf. Lc 10,33-34). O tema da compaixão e da misericórdia foi destacado recentemente no Jubileu Extraordinário da Misericórdia, proclamado no dia 11 de abril de 2015, II Domingo de Páscoa ou da Divina Misericórdia, na Bula *Misericordiae Vultus*, tendo o Jubileu se estendido do dia 8 de dezembro de 2015, Solenidade da Imaculada Conceição, para celebrar o modo de agir de Deus desde os primórdios, até o dia 20 de novembro de 2016, Solenidade de Jesus Cristo, Rei do universo.

Este artigo discorre sobre o compromisso para a misericórdia principalmente em relação com o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Consideram-se alguns precedentes temáticos no livro de Walter Kasper sobre a misericórdia. Verificam-se indicações do Jubileu – a partir da Bula de proclamação do Jubileu – *Misericordiae Vultus* (MV); de diversas catequeses do Papa durante o Jubileu; da carta apostólica conclusiva do Jubileu – Carta Apostólica *Misericordia et misera*. Mostra-se a perspectiva de se procurar promover uma “cultura da misericórdia”. Conclui-se que o compromisso pela misericórdia, que é um tema implicado na Campanha da Fraternidade 2020, deve ser sempre retomado e promovido, para diálogo e ação, não apenas na Igreja mas junto a todas as pessoas.

O método da explanação consiste em considerar indicações extraídas de citações de Kasper e do Papa Francisco, dentro de um contexto temático e fazendo-se uma análise dos conteúdos das citações, de modo a tecer o artigo na forma de uma reflexão específica planejada pelos seus autores.



2 Nos precedentes do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

A obra de Walter Kasper intitulada (na tradução que tomamos entre as referências bibliográficas) como *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, pode ser estimada como um dos precedentes do recente Jubileu Extraordinário da Misericórdia, realizado no período referido na introdução deste artigo. Sabe-se que o próprio Papa Francisco teve em conta a obra de Kasper quando proclamou o Jubileu e também no desenvolvimento da temática, inclusive em suas catequeses no Jubileu, onde a misericórdia também aparece como fundamental para a compreensão do Evangelho e da vida cristã.

No título original alemão, da obra de Kasper, a formulação é: *Barmherzigkeit: Grundbegriff des Evangeliums – Schlüssel christlichen Lebens*. Mais fortemente que uma condição, que poderia parecer a alguns circunstancial, ou exterior, ou um dado paralelo a outros, trata-se de se perceber essa condição fundamental como dada no próprio conceito do Evangelho, a ser então compreendido em relação com a misericórdia, e assim se percebendo como chave da vida cristã.

2.1 Por uma “cultura da misericórdia”

Kasper tomou a peito a sua obra a partir de uma perplexidade que ele descreve no Prólogo. Em um momento no qual desejara aprofundar mais o tema da misericórdia, ele havia constatado que a misericórdia não estava recebendo na Teologia Sistemática o lugar basilar ou central que seria devido, mas, ao contrário, o tema parecia ter caído no esquecimento. Isso ele afirma de modo explícito e contundente na linguagem, muito embora simples, com a qual apresenta o livro, desejando mais aprofundamento sistemático, para que o tema não ficasse tão ao largo do estudo teológico, ainda que mais indicado na espiritualidade e na mística. Ele se propôs aproximar esses âmbitos com um aprofundamento na teologia, e mostrar como importa avançar na direção de uma “cultura da misericórdia”. Essa é a proposta da obra, como se pode verificar na explicação do seu autor:

Pude constatar que a misericórdia, que é tão fundamental na Bíblia, ou caiu largamente no esquecimento na teologia sistemática, ou é tratada apenas de uma forma muito pouco cuidada. Nestas questões, como em tantas outras, a espiritualidade e a mística vão muito adiante da teologia



acadêmica. Assim, o presente texto propõe-se estabelecer a ligação entre a reflexão teológica e as considerações espirituais, pastorais e sociais com o intuito de propiciar uma cultura da misericórdia.¹

O autor desdobra a tarefa de desenvolver um estudo sistemático no livro supracitado e propõe a misericórdia como um tema de interesse atual, que vinha “imperdoavelmente esquecido”.² Para ele, o problema coloca-se em todos os tempos, mas particularmente em nossos tempos: verifica-se um grande clamor pela misericórdia. Obras de literatura fariam perceber esse clamor, ao passo que reaparece o problema do mal, de novo não somente como ausência de um bem, mas como calamidade, maldades, abandonos, sofrimentos, que o mundo padece, de modo que se vinha e se vem chegando, ainda com mais força, ao questionamento sobre o sentido, sobre a vida, sobre o que se compreende como Deus e sua existência, sua atuação, seu amor, sua misericórdia; e sobre as relações entre as pessoas. Desse modo, questiona-se o tema também em relação com a atitude das pessoas umas para com as outras, e se elas fazem sofrer ou se se ajudam. Tais questões não se reduzem a um moralismo nem a uma discussão do sofrimento em abstrato. A teologia e o senso comum estão questionados sobre a noção e a obra da misericórdia, sobre seus conceitos de Deus e de humanidade.

Dado que o mundo carece e clama pela descoberta ou manifestação do amor, que precisa concretizar-se na misericórdia, o caminho da misericórdia/compaixão aparece como demanda urgente e única. Abordagens filosóficas, abordagens religiosas, abordagens diversas tentaram ao longo da história abordar o problema do sofrimento ou indicar para as pessoas os possíveis passos. As abordagens entrecruzam-se entre as perguntas e as proposições; e, em destaque – pode-se sublinhar – e é o que considera Kasper, uma proposta de certo modo compartilhada está na referência ética da regra de ouro. Cumpre agir para com o outro no bem – e na misericórdia – que se deseja para si; amar como a si mesmo; ter compaixão, empatia, solidariedade. É o caminho do sentido, da Fraternidade.

Kasper apresenta a Sagrada Escritura como visando muito especialmente a manifestar e propor o caminho da misericórdia. Ele discorre sobre diversos textos do Antigo e do Novo Testamento. Acentua que a misericórdia está no centro da mensagem messiânica. Ela deve ser vista nos atributos de Deus e aparece como a característica mais marcante

¹ KASPER, 2015, p. 9.

² KASPER, 2015, p. 21.



do Coração de Jesus. Ou seja, está na proposta ética do evangelho. Constituirá uma bem-aventurança. Para ele, a Igreja está formada para ser sacramento do amor e da misericórdia. Por todos esses motivos, desde o clamor do mundo até o significado do anúncio e do sentido de existência da Igreja, ele segue seu itinerário para, nos capítulos finais do livro, ter em vista o favorecimento de uma desejável “cultura da misericórdia”. O dado mais final do livro tem em conta a devoção mariana, que a muitos reconforta e anima no discipulado cristão, e que se inspira igualmente no tema da misericórdia, usando para Maria o título de Mãe da Misericórdia. Principalmente porque ela gerou Aquele que é dom de misericórdia.

2.2 Da contemplação da Kénosis do amor de Deus ao compromisso da misericórdia

Como ilustração da obra de Kasper, que contempla a misericórdia nas Escrituras e avança em aprofundamentos sistemáticos, podem-se aqui indicar as alusões ao movimento de Deus trinitário e ao seu sentir e compadecer-se; e a caracterização da Igreja como vocacionada para a misericórdia. Destacam-se a seguir alguns desses elementos.

Kasper contempla a origem divina da misericórdia e reporta-se ao movimento kenótico do amor do próprio Deus. Faz uma alusão à Criação como uma expressão dessa *kénosis* trinitária, que dirige o amor amorosa e criativamente às criaturas: “Esta *kénosis* (autoesvaziamento) de Deus é a condição *sine qua non*, para que Deus, que é infinito possa dar lugar à Criação”.³ A revelação salvífica é comunicação e dom kenótico.

O autor discorre sucintamente sobre os modos como a *kénosis* foi elaborada na teologia e menciona, depois, os mistérios da vida de Cristo, no qual, de modo central na revelação do dom salvífico, manifestou-se a *kénosis* com a misericórdia de Deus. Toda a obra salvífica pode ser vista como manifestação desse movimento kenótico de amor de Deus:

A realidade íntima de Deus como amor que se esvazia de si mesmo e se autocomunica, revelada de maneira definitiva e não ultrapassável na cruz, não permanece em si, mas comunica-se-nos de modo concreto no Espírito Santo. Movido pela sua misericórdia, Deus não só permite

³ KASPER, 2015, p. 120-121.



*que nos debrucemos sobre o seu coração, mas também nos acolhe, no Espírito Santo, junto ao, e no, seu coração.*⁴

Poderíamos entender, certamente, que o que mais se almejaria, no anúncio da revelação cristã, seria fazer contemplar e seguir uma manifestação do amor divino, trinitário e encarnado, que se aproxima e se solidariza e se mostra misericordioso e salvífico, e uno no contexto de autoadoação e solidariedade.

Outro ponto que neste artigo se deseja destacar é da relação e do compromisso da Igreja com a misericórdia. Também se recomendaria para um diálogo da misericórdia, um diálogo que não ficaria restrito dentro das fronteiras visíveis da Igreja institucional, mas se comunicaria para além, desejando encontrar em todas as pessoas, crentes ou não crentes, interlocutores de diálogo sobre esse tema importante, e aliados com quem cooperar.

Sobre o tema da Igreja sujeita à medida da misericórdia, Kasper afirma que a Igreja, na vocação de ser permanente sacramento da presença de Cristo no mundo, precisa entender-se então, a si mesma, como um “sacramento da misericórdia”. Agir de acordo seria uma condição para cumprir sua missão. Não se trataria apenas de serviços sociais, os quais, é certo, sempre serão implicações necessárias, mas que justamente são exigidos pela missão sacramental da Igreja. Sobre a condição da Igreja, temos a citação:

*Tal como acontece com o cristão individual, também no caso da Igreja o mandamento da misericórdia está alicerçado no ser da Igreja como corpo de Cristo. Daí que a Igreja não seja uma espécie de agência de serviços sociais e de caridade; enquanto corpo de Cristo, a Igreja é sacramento da permanente e eficaz presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento da misericórdia. [...] mas ela mesma é também objeto da misericórdia divina.*⁵

Entende-se bem que, ao dizer “por último”, Kasper não quereria significar que seja uma coisa de última importância, mas decorrente, ou implicada necessariamente, da vocação da Igreja, do que ela é constituída para ser. Parece plausível pensar que, se a missão e o dom de Cristo é manifestação de amor divino e kenótico, então a Igreja

⁴ KASPER, 2015, p. 121.

⁵ KASPER, 2015, p. 193.



já não se realizaria segundo sua vocação senão como sacramento da caridade e da misericórdia, que estão no centro da vida e autodoação de Cristo.

Entretanto, por um lado, faz-se mister reconhecer que o amor e a misericórdia não se dão sempre nos meios que pretendem ser expressão da Igreja. Verdade é, que muitas pessoas procuram viver segundo esse cânon da caridade. Por outro lado, e mais ainda, cumpre reconhecer e considerar que o amor e a misericórdia, ou a caridade, não são dados exclusivamente dentro das fronteiras visíveis da Igreja, como ações apenas daqueles que estão visivelmente inseridos, mas dão-se amplamente em pessoas de outras crenças e de não crenças. Kasper faz referência ao reconhecimento feito e expressado no Concílio Vaticano da obra do Espírito Santo e da graça para além das fronteiras visíveis da Igreja Católica.⁶ Nosso teólogo acrescenta que se pode, inclusive, aprender com as outras pessoas:

Por conseguinte, também fora da Igreja visível são realizadas obras de amor e de misericórdia; de certo modo, podemos tomar como modelo a este respeito o dos cristãos não católicos, inclusive não cristãos e aprender com eles. Inversamente, aqueles que estão dentro da Igreja visível e pertencem a ela devem fazer todo o possível por viver o amor eclesial e torná-lo visível nas obras de misericórdia corporais e espirituais.⁷

Vistas algumas dessas linhas fundamentais da obra que estivemos percorrendo, entre tantas outras ricas proposições do autor na mesma obra, parece oportuno encerrar esta seção enfatizando que já como precedentes do Jubileu, vinha Walter Kasper destacando a importância de aprofundar o tema da misericórdia, não apenas como traço principal da manifestação do amor de Deus, mas também como um compromisso a ser assumido na Igreja.

Trata-se de um caminho de vida sobre o qual cumpre assumir um compromisso. Importa o compromisso do amor, da caridade, da misericórdia. Importa valorizá-la onde estiver presente. Importa cultivá-la. O Jubileu Extraordinário da Misericórdia veio promover a contemplação e o compromisso da misericórdia. Alguns de seus aspectos são destacados na seção seguinte.

⁶ Kasper refere a LG n. 15. Porém, veja-se a *Lumen Gentium*, n. 15 e 16.

⁷ KASPER, 2015, p. 165.



3 Indicações do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

A temática desta seção é o tema do Jubileu, reportando-se à Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, às Catequeses do papa no jubileu, à Carta Apostólica de conclusão do Jubileu. A subdivisão desta seção será bem simples. No primeiro subtítulo, reportam-se: o tema central, que mostra Jesus como rosto da misericórdia; e o significado geral de um jubileu da misericórdia. No segundo subtítulo, reportam-se algumas observações de caráter prático, tendo-se em conta a proposta evangélica lembrada no Jubileu.

3.1 Tema central e significado geral do Jubileu Extraordinário da Misericórdia

A proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia foi feita pelo Papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus* (MV). Como o título do documento vai indicar, pretende-se falar do Rosto da Misericórdia, e o papa apresenta Jesus como o Rosto da Misericórdia. Ele estaria propondo uma síntese do mistério da fé cristã. Tal é a história da salvação, tal é a revelação, tal foi a vida de Jesus e tais foram os seus gestos e suas palavras: manifestação da misericórdia do Pai, “rico em misericórdia” – como se anuncia no Novo Testamento, e tópico que o papa João Paulo II já tomara para uma encíclica *Dives in misericordia*. O papa Francisco retoma essa temática pelas seguintes palavras:

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, “rico em misericórdia” (Ef 2,4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade” (Ex 34,6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na “plenitude do tempo” (Gl 4,4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.⁸

⁸ FRANCISCO, PP. Bula *Misericordiae Vultus* – O Rosto da Misericórdia (MV), n. 1.



Ainda quanto ao tema, observa-se, por exemplo, nos meses iniciais do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, como o papa acentua a ternura e o compromisso interior da misericórdia de Deus. Retomando a exegese do predecessor João Paulo II na encíclica sobre a misericórdia, também o papa Francisco alude ao amor de mãe, que se comove interiormente, que quer proteger e ajudar, move a doar-se:

O Senhor é “misericordioso”: este vocábulo evoca uma atitude de ternura, como a de uma mãe pelo seu filho. Com efeito, o termo hebraico usado pela Bíblia leva a pensar nas vísceras, ou então no ventre materno. Por isso, a imagem que sugere é a de um Deus que se comove e sente ternura por nós, como uma mãe quando pega o seu filho ao colo, unicamente desejosa de amar, proteger e ajudar, pronta a doar tudo, até a si mesma. Esta é a imagem que este termo sugere. Portanto, um amor que se pode definir, no bom sentido, “visceral”.⁹

Ao mesmo tempo, foi proposto para o ano o lema “Misericordiosos como o Pai” (com base em Lc 6,36) e o papa esclarece que a reflexão sobre a misericórdia não incide apenas para a consolação individual, mas importa em receber, em assumir um compromisso. Assim como está sendo colocado na Campanha da Fraternidade 2020, e muitos estarão conferindo, e pareceu oportuno evidenciar no título deste artigo, o papa retoma a ideia de compromisso – o de atuar como instrumentos da misericórdia. Ele definirá os fiéis como missionários da misericórdia. Atuando com misericórdia, é que os fiéis poderão ser missionários e tornar credível a sua mensagem. A inspiração geral é que Deus misericordioso acolhe a todos:

A misericórdia que recebemos do Pai não nos é dada como uma consolação individual, mas torna-nos instrumentos a fim de que também outros possam receber o mesmo dom. Há uma circularidade admirável entre a misericórdia e a missão. Viver de misericórdia torna-nos missionários da misericórdia, e ser missionários permite-nos crescer cada vez mais na misericórdia de Deus. Portanto, levemos a sério o nosso ser cristãos, comprometendo-nos a viver como crentes, porque só assim o Evangelho pode comover o coração das pessoas e abri-lo para receber a graça do amor, para receber esta grande misericórdia de Deus que acolhe todos.¹⁰

⁹ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 13 de Janeiro de 2016.

¹⁰ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 30 de janeiro de 2016.



Além disso, ao se celebrar um jubileu, caberia ter em conta alguns aspectos do jubileu bíblico. Uma das funções do jubileu bíblico haveria de ser a de ajudar as pessoas. Caberia ser visto sob aspecto de “jubileu da misericórdia”. Por isso, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia estava proposto como um chamado para ajudas concretas. Para a práxis de fraternidade. Eis uma citação sobre esse aspecto de misericórdia como ajuda concreta:

A finalidade era uma sociedade fundamentada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro voltassem a tornar-se um bem para todos e não apenas para alguns, como hoje acontece, se não me engano... Mais ou menos, os números não são exatos, mas oitenta por cento das riquezas da humanidade estão nas mãos de menos de vinte por cento da população. É um jubileu – e digo-o, recordando a nossa história de salvação – para a conversão, para que o nosso coração se torne maior, mais generoso e mais filho de Deus, com mais amor. Digo-vos algo: se este desejo, se o jubileu não chegar aos bolsos, não será um verdadeiro jubileu. Entendestes? E isto está na Bíblia! Não é este Papa que o inventa: está na Bíblia. A finalidade – como eu disse – era uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro se tornassem um bem para todos, e não só para alguns. Com efeito, o jubileu tinha a função de ajudar o povo a viver uma fraternidade concreta, feita de ajuda recíproca. Podemos dizer que o jubileu bíblico era um “jubileu de misericórdia”, porque era vivido na busca sincera do bem do irmão necessitado.¹¹

As catequeses do Jubileu relembram os compromissos da fraternidade e dão continuidade aos ensinamentos da doutrina social da Igreja. O papa Francisco prossegue no que propuseram os predecessores. Cita a encíclica de doutrina social de Bento XVI, chamando a atenção especificamente de que está implicado “um imperativo ético para toda a Igreja” e que “é necessária a maturação de uma consciência solidária”, atenta às necessidades básicas, ao bem de todos. Nisso se mostraria a relação com o que Jesus revelou como Rosto da Misericórdia. A citação do papa Francisco inclui a do papa Bento XVI:

Papa Bento XVI, na Encíclica Caritas in veritate, afirma: “Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja. [...] O direito à alimentação e à água revestem um papel importante para a consecução de outros direitos [...] É necessária a maturação duma consciência

¹¹ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 10 de fevereiro de 2016.



solidária que considere a alimentação e o acesso à água como direitos universais de todos os seres humanos, sem distinções nem discriminações” (n. 27). Não nos esqueçamos das palavras de Jesus: “Eu sou o pão da vida” (Jo 6, 35) e “Venha a mim quem tem sede” (Jo 7, 37). Para todos nós, crentes, estas palavras são uma provocação a reconhecer que, através do dar de comer aos famintos e de beber aos sedentos, passa a nossa relação com Deus, um Deus que revelou em Jesus o seu rosto de misericórdia.¹²

Desse modo, a contemplação de Jesus como Rosto da misericórdia chamaria ao compromisso ético da solidariedade. Vejam-se no subtópico seguinte algumas outras indicações de caráter prático, que levariam em conta a práxis evangélica, em função dos gestos e ensinamentos de Jesus.

3.2 Pistas práticas no Jubileu

Já no primeiro momento, a bula que dava os fundamentos e as diretrizes do jubileu extraordinário contemplava as Escrituras, com diversas referências do Antigo e do Novo testamentos. Enumerava classicamente exemplos de obras de misericórdia materiais e espirituais. Apontava caminhos pastorais de reconciliação com Deus e orientação para um compromisso de misericórdia. Entre as obras de misericórdia corporal: “dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos”. Entre as obras de misericórdia espiritual: “aconselhar os indecisos; ensinar os ignorantes; admoestar os pecadores; consolar os aflitos; perdoar as ofensas; suportar com paciência as pessoas molestas; rezar a Deus pelos vivos e defuntos”.¹³

Por outro lado, nas catequeses, o papa analisou a situação atual, sugerindo que algumas necessidades materiais e espirituais aumentaram, devido a uma cultura de bem-estar que descuida do essencial. Essa situação exigiria não apenas ações concretas, mas um estado de vigilância, para então se poder imaginar melhor como ajudar, e para se ver Jesus nos necessitados, ou para vê-los como Jesus vê todas as pessoas:

Por causa das mudanças do nosso mundo globalizado, multiplicaram-se algumas formas de pobreza material e espiritual: portanto, demos

¹² FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 19 de Outubro de 2016.

¹³ MV, n. 15.



espaço à fantasia da caridade para identificar novas modalidades de ajuda. Deste modo, o caminho da misericórdia tornar-se-á cada vez mais concreto. Por conseguinte, exige-se que permaneçamos vigilantes como sentinelas, a fim de que não aconteça que, perante as formas de pobreza produzidas pela cultura do bem-estar, o olhar dos cristãos se debilite a ponto de se tornar incapaz de visar o essencial. Visar o essencial! Que significa? Olhar para Jesus, fitar Jesus no faminto, no encarcerado, no enfermo, na pessoa nua, em quantos não têm um trabalho e devem e são responsáveis por uma família. Fitar Jesus nestes nossos irmãos e irmãs; ver Jesus em quantos estão sozinhos, tristes, em quem erra e tem necessidade de conselhos, naquele que precisa percorrer o caminho com Ele, em silêncio, para se sentir em companhia. São estas as obras que Jesus nos pede! Ver Jesus neles, nestas pessoas. Por quê? Porque é assim que Jesus me vê, é assim que Ele vê todos nós!¹⁴

Portanto, para o papa a referência permanece sendo Jesus. As catequeses consideram que Jesus manifestou sua misericórdia para com as pessoas que necessitavam, escutando seu clamor, indo ao seu encontro, atuando para transformar sua enfermidade em cura, sua tristeza em alegria:

A piedade da qual queremos falar é uma manifestação da misericórdia de Deus. É um dos sete dons do Espírito Santo que o Senhor oferece aos seus discípulos para os tornar “dóceis, na obediência pronta, às inspirações divinas” (Catecismo da Igreja Católica, 1830). Nos Evangelhos é muitas vezes citado o clamor espontâneo que as pessoas doentes, endemoninhadas, pobres ou aflitas dirigem a Jesus: “Tem piedade!” (cf. Mc 10,47-48; Mt 15,22; 17,15). A todos Jesus respondia com o olhar da misericórdia e com o alívio da sua presença. Em tais invocações de ajuda, ou súplicas de piedade, cada um manifestava inclusive a própria fé em Jesus, chamando-lhe “Mestre”, “Filho de David”, “Senhor”. Intuíam que nele havia algo extraordinário, que os podia ajudar a sair da condição de tristeza em que se encontravam. Sentiam nele o amor do próprio Deus. E até quando a multidão se aglomerava, Jesus ouvia aquelas invocações de piedade e sentia compaixão, principalmente quando via pessoas sofredoras e feridas na sua dignidade, como no caso da hemorroíssa (cf. Mc 5,32). Ele chamava as pessoas a terem confiança nele e na sua Palavra (cf. Jo 6,48-55). Para Jesus, sentir piedade equivale a compartilhar a tristeza de quantos o encontram, mas ao mesmo tempo a agir pessoalmente para a transformar em alegria.¹⁵

¹⁴ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 30 de junho de 2016.

¹⁵ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 14 de Maio de 2016.



Considera-se que as necessidades são muitas, mas também que se pode com empenho e com campanhas fazer muitas obras. Observe-se que não apenas se fala de ajuda e de solidariedade, mas especificamente se nomeia a palavra “unidade”: O papa afirma que “podemos cumprir esta tarefa de ser mediadores de misericórdia com obras de misericórdia, para aproximar, para dar alívio, para promover a unidade. É possível realizar muitas obras boas!”¹⁶

Isso faz retornar ao tema das obras de misericórdia material e espiritual. Podemos considerar que isso dava ensejo ao Jubileu, como pode dar ensejo às Campanhas de solidariedade, a diálogos e outras iniciativas de colaboração, como valor social. Porque então se buscaria atender às pessoas na sua necessidade, o que muitas vezes é restituir a dignidade:

Em suma, as obras de misericórdia corporal e espiritual constituem até aos nossos dias a verificação da grande e positiva incidência da misericórdia como valor social. Com efeito, esta impele a arregaçar as mangas para restituir dignidade a milhões de pessoas que são nossos irmãos e irmãs, chamados conosco a construir uma “cidade fiável.”¹⁷

As recomendações do papa, porém, vão ainda além, de modo mais totalizante no que diz respeito à atitude do Bom Samaritano. Nas catequeses o papa adverte que não bastam ações de caráter mais geral. Se, por um lado, é bem importante que muitos auxílios se façam de modos diversos na sociedade, ele considera premente uma atitude concreta em situações concretas. Ele considera ainda uma dificuldade específica, um problema que se coloca e que interpela as pessoas, quando se encontram diretamente alguém mais pobre ou mais necessitado. Mesmo pessoas que se sensibilizam muitas vezes em ações de caráter mais genérico ou de modo menos direto, têm dificuldade de se aproximar e de atender pessoalmente, ao ser interpelado por um caso concreto. O papa descreve essa dificuldade da grande maioria das pessoas. Haveria uma interpelação sem resposta. Haveria um necessitado, muitos necessitados, sem atendimento pessoal. Permanece sem resposta a interpelação. O necessitado permanece sem atendimento básico. Eis a advertência do papa Francisco:

Face a determinadas notícias e sobretudo a certas imagens, a opinião pública comove-se e têm início campanhas de ajuda para estimular a

¹⁶ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 27 de Janeiro de 2016.

¹⁷ FRANCISCO, PP. Carta Apostólica *Misericórdia et misera* (MM), n. 18.



solidariedade. As doações são generosas e deste modo podemos contribuir para aliviar o sofrimento de muitos. Esta forma de caridade é importante, mas talvez não nos envolve diretamente. Quando, ao contrário, indo pelas ruas, nos cruzamos com uma pessoa em necessidade, ou um pobre bate à porta da nossa casa, é muito diferente porque já não estamos diante de uma imagem, mas somos envolvidos em primeira pessoa. Já não há distância alguma entre mim e ele ou ela, e sinto-me interpelado. A pobreza em abstrato não nos interpela, mas faz-nos pensar; faz-nos lamentar; contudo quando vemos a pobreza na carne de um homem, de uma mulher, de uma criança, isto nos interpela! E portanto, o hábito que temos de fugir dos necessitados, de não nos aproximarmos deles, colorindo um pouco a realidade dos necessitados com os hábitos da moda para nos afastar dela. Quando me cruzo com o pobre já não há distância alguma entre nós. Neste caso, qual é a minha reação? Desvio o olhar e sigo em frente? Ou paro para falar e interesso-me do seu estado? E se fizermos isto haverá alguém que diz “Este é louco porque fala com um pobre!”. Verifico se posso acolher a pessoa de algum modo ou procuro livrar-me dela rapidamente? Mas talvez ela peça só o necessário: algo para comer e beber. Pensemos um momento: quantas vezes recitamos o “Pai-Nosso”, e no entanto não prestamos atenção àquelas palavras: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.¹⁸

A proposta da parábola do Bom Samaritano é de aproximação. Antes de se perguntar quem seja o próximo, a amar, é preciso fazer-se próximo. Aproximar-se de quem necessita da compaixão, da solidariedade, do atendimento. Essas palavras, próprias de uma fraternidade:

Concluindo a parábola, Jesus inverte a questão do doutor da Lei e pergunta-lhe: “Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (v.36). A resposta é finalmente inequívoca: “Aquele que foi misericordioso para com ele” (v.27). No início da parábola, para o sacerdote e para o levita o próximo era o moribundo; no final, o próximo é o samaritano que se fez próximo. Jesus inverte a perspectiva: não classifiques os outros para ver quem é próximo e quem não é. Tu podes tornar-te próximo de quem quer que se encontre em necessidade, e sê-lo-ás se no teu coração sentires compaixão, ou seja, se tiveres a capacidade de padecer com o outro.¹⁹

O Jubileu encerrou-se com uma Carta Apostólica, breve, mas enfática, em que o papa Francisco acenou para a centralidade da misericórdia

¹⁸ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 19 de outubro de 2016.

¹⁹ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 27 de Abril de 2016.



– na pastoral, nos sacramentos, na vida de família, no âmbito social, enfim buscando-se ir na direção de uma “cultura da misericórdia”, conforme ao evangelho:

A cultura da misericórdia forma-se na oração assídua, na abertura dócil à ação do Espírito, na familiaridade com a vida dos Santos e na solidariedade concreta para com os pobres. É um convite premente para não se equivocar onde é determinante comprometer-se. A tentação de se limitar a fazer a “teoria da misericórdia” é superada na medida em que esta se faz vida diária de participação e partilha. Aliás, nunca devemos esquecer as palavras com que o apóstolo Paulo – ao contar o encontro depois da sua conversão com Pedro, Tiago e João – põe em realce um aspeto essencial da sua missão e de toda a vida cristã: “Só nos disseram que nos devíamos lembrar dos pobres – o que procurei fazer com o maior empenho” (Gl 2,10). Não podemos esquecer-nos dos pobres: trata-se dum convite hoje mais atual do que nunca, que se impõe pela sua evidência evangélica.²⁰

4 Considerações finais

O conteúdo das seções precedentes é suficiente para mostrar aspectos importantes de como o tema da misericórdia é um dado central no mistério cristão e para a pastoral e a práxis cristã. É assim compartilhado por todos os cristãos, quaisquer que sejam suas afiliações confessionais ou denominações. Deve estar presente, pois, em seus diálogos ecumênicos.

O tema da misericórdia e da compaixão está presente em diversas abordagens religiosas e filosóficas. Não é apenas um conteúdo a levar para os outros, mas é um campo de inter-relações de parte a parte, onde os cristãos têm a aprender e a testemunhar, e os corações de todos são chamados a estar abertos, compreensivos, solidários e solícitos.

Em texto aceito para publicação em 2019 na revista *Atualidade Teológica*, elaborado pela primeira autora deste artigo, apresenta-se um estudo especial sobre as chamadas opções preferenciais, que estão na base da opção preferencial pelo pobre, uma das opções preferenciais do Documento de Puebla, e na recolocação temática feita na pastoral do papa Francisco. Ali o estudo se reporta aos fundamentos bíblicos, segundo a exegese de Jacques Dupont sobre as predileções do evangelho

²⁰ MM, n. 20.



do Reino. No conceito de evangelho se propõe um anúncio do agir de Deus – que é o modo de agir de solicitude salvífica. Corresponde a uma aspiração humana e a um ideal humanitário, que na Bíblia dialogou com as culturas vizinhas.

Também em *Atualidade Teológica*, apareceu outro artigo, da mesma autora. Tomando a linha do incentivo do papa Francisco na direção de amplos diálogos, inclusive diálogos inter-religiosos, sobre a misericórdia, dado que a misericórdia tem lugar e valência para além das fronteiras da Igreja,²¹ foi elaborado esse outro artigo, intitulado *Diálogo da Misericórdia*.²² Mostram-se ali, como pontes de diálogos, exemplos de como o tema da misericórdia aparece em algumas confissões cristãs e outras tradições religiosas; e ainda que importa no diálogo da interdisciplinaridade.

Em conclusão, a abordagem das indicações de Walter Kasper faz observar como ele deixou precedentes para o Jubileu, particularmente na proposição de uma cultura da misericórdia. Todo o Jubileu, desde a Bula de proclamação, pelas catequese e na carta apostólica final, desenvolveu uma pastoral nesse sentido. A ideia de dar mais espaço na teologia sistemático-pastoral tornou-se mais destacada e familiar. A Campanha da Fraternidade 2020 muito naturalmente abraça este tema evangélico. É um tema próprio do espírito das campanhas de fraternidade e que deve, de algum modo, estar sempre presente: na teologia; nas campanhas; nos diálogos; nas ações e colaborações.

Referências

CONCÍLIO VATICANO II, Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições – Decretos – Declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 13 de Janeiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160113_udienza-generale.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

²¹ MV, n. 23.

²² FREITAS CARDOSO, M. T. Diálogo da misericórdia: Estudo sobre um tema da Bula *Misericordiae Vultus*. *Atualidade Teológica*, v. 20, n. 54, p. 599-622, set/dez 2016.



FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 27 de Janeiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160127_udienza-generale.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 30 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160130_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 10 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160210_udienza-generale.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 27 de Abril de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 14 de Maio de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160514_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 30 de junho de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160630_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 19 de Outubro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161019_udienza-generale.html>. Acesso em: 03 out. 2019.

FRANCISCO, PP. *Bula Misericordiae Vultus – O Rosto da Misericórdia*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. *Carta Apostólica Misericordia et misera*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html>. Acesso em: 03 out. 2019.



FREITAS CARDOSO, M. T. Diálogo da misericórdia: Estudo sobre um tema da Bula Misericordiae Vultus. *Atualidade Teológica*, V. 20, N. 54, p. 599-622, set/dez 2016.

KASPER, W. *A misericórdia*. Condição fundamental do evangelho e chave da vida cristã. 2. ed. São Paulo: Loyola; Portugal: Princípia, 2015.